

Uma perspectiva nietzschiana sobre o engajamento fanático em defesa de teorias da conspiração

João Paulo Simões Vilas Bôas¹

RESUMO: Esse trabalho tem por objetivo realizar uma apropriação das ideias de Nietzsche para subsidiar uma reflexão filosófica original em torno das teorias da conspiração. Iniciando com um panorama da presença e do desenvolvimento dessas teorias na história do Ocidente, abordamos em seguida o papel da internet no aumento expressivo da visibilidade deles em anos recentes. Na sequência, desenvolvemos a contribuição específica que Nietzsche pode nos oferecer acerca deste problema, a qual toma por base o aforismo GC 347, onde o filósofo mostra que os fisiopsicologicamente fracos e inseguros foram os responsáveis pelo surgimento e crescimento das variadas modalidades de fanatismos que marcaram a nossa história. A ideia enunciada por Nietzsche — de que a intensidade do apego obstinado a um conjunto de crenças, verdades e valores é diretamente proporcional à falta de capacidade de autodeterminação do indivíduo — é o ponto central de nossa investigação sobre a dinâmica fisiopsicológica por trás da adesão fanática a certas teorias da conspiração flagrantemente absurdas e sem qualquer respaldo factual.

PALAVRAS CHAVE: Vontade de verdade. Fanatismo. Fisiopsicologia. Teoria da conspiração.

I

“Pois assim é o homem: um artigo de fé poderia lhe ser refutado mil vezes — mas desde que tivesse necessidade dele, sempre voltaria a considerá-lo como ‘verdadeiro’”

Nietzsche – *A Gaia Ciência*, § 347

Embora a expressão “teoria da conspiração” só tenha adquirido o seu sentido mais comum e atual em 1945, a partir da publicação da obra *A Sociedade aberta e seus inimigos* de Karl Popper, é consenso entre os estudiosos no assunto que a veiculação deste tipo de discurso já ocorria na Grécia e Roma antigas, tendo retornado na modernidade após um hiato durante a Idade Média e chegando até os nossos dias.

Como exemplo de uma acusação tipicamente conspiratória na Grécia clássica, o professor de estudos clássicos Joseph Roisman, na obra *A retórica da conspiração na antiga Atenas* apresenta o caso do discurso intitulado *contra Agoratus*, redigido pelo orador grego Lísias em cerca de 399 a.C., o qual traz uma série de acusações contra “representantes dos diversos

¹ Doutor em filosofia. Docente da UFABC e do programa PROF-FILO. Vilas.boas@ufabc.edu.br

grupos de Atenas — entre eles o Conselho dos Quinhentos e as oligarquias — de levarem a cabo um *complot* contra a pólis.”²

Durante a modernidade, a partir do século XV, as acusações de bruxaria, até então direcionadas “quase exclusivamente a pessoas isoladas” (BUTTER, 2002, p. 128) foram gradualmente se transformando em discursos mais complexos, que associavam a atuação coordenada das feiticeiras a um propósito demoníaco maior, o que, evidentemente, contribuiu para fortalecer o ímpeto de caça às bruxas na Europa e nos EUA, cujo resultado, como se sabe, foi a prisão, tortura e morte de incontáveis pessoas, principalmente mulheres.

À medida em que o século XVIII se aproximava, os protagonistas e cenários conspiratórios foram gradualmente se modificando. Se é fato que o iluminismo e o processo de secularização das sociedades ocidentais iniciados no século XVIII, juntamente com o fim da Inquisição no início do século XIX, enfraqueceram grandemente a força das ameaças bíblicas sobrenaturais entre as massas, por outro lado as conspirações não deixaram de existir. O diabo, o anticristo e as bruxas cederam espaço para líderes ocultos e conspiradores humanos, movidos por interesses de dominação política, cultural e econômica, tais como os judeus, os maçons, os Illuminati, etc., de forma que as teorias da conspiração continuaram a vicejar entre as populações letradas e entre os habitantes dos grandes centros urbanos da Europa e das Américas.

Uma observação que merece destaque especial é o fato de que, ao longo de todo o período histórico abordado até aqui, as teorias da conspiração foram divulgadas, discutidas e consideradas como um “conhecimento completamente legitimado” (idem, p. 130). Elas não apenas faziam parte do discurso político, como chegaram a influenciar diretamente uma série de eventos históricos importantes, como a já mencionada caça às bruxas na modernidade e também a guerra de independência dos EUA, visto que seus líderes como George Washington, Thomas Jefferson e John Adams acreditavam na existência de uma conspiração do rei George III da Inglaterra e seus ministros contra as 13 colônias.

A causa para essa credibilidade pode ser aduzida primeiramente do fato desses discursos serem veiculados de forma escrita, o que já reduzia enormemente o público que tinha acesso a eles. Além disso, tais teorias ou se originaram ou então eram divulgadas por figuras dotadas de autoridade (seja religiosa ou política, como nos casos mencionados), o que servia como garantia quase que automática da sua veracidade.

No período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, várias teorias conspiratórias continuaram a ser divulgadas por meios oficiais, vindo a influenciar acontecimentos políticos e sociais de grande relevância nos países desenvolvidos do mundo ocidental. Nesse contexto, os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e a melhoria no acesso à educação, especialmente entre as classes trabalhadoras, tiveram um duplo impacto: de um lado, o aumento no público de leitores fez com que

2 BUTTER, Michael. **A natureza das teorias da conspiração**. 2022, p. 127.

o acesso às fontes de tais discursos gradualmente deixasse de ser privilégio de uma minoria letrada. Por outro lado, todavia, assistiu-se também ao surgimento de importantes vozes, ainda que isoladas, denunciando a falsidade destas conspirações.

Um exemplo emblemático foram as diversas teorias conspiratórias envolvendo judeus, as quais, antes mesmo da publicação do livro antissemita *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, eram acolhidas por grande parte da população da França e da Alemanha. O próprio Nietzsche, apesar de não ter mencionado explicitamente nenhuma destas teorias em seus textos, foi um dos pensadores que não se furtou em denunciar o antissemitismo como uma “imbecilidade” (ABM, 251).

Situação semelhante aconteceu na Alemanha nazista (1933-1945), onde o racismo, o antissemitismo, a xenofobia e o anticomunismo foram integrados num amálgama cujo resultado foi uma teoria conspiratória de abrangência mundial amplamente propagandeada pelos meios de comunicação oficiais. Conquanto seja fato que muitos intelectuais, incluindo alemães, tenham denunciado a falsidade desses discursos, tais vozes foram violentamente silenciadas pela censura nazista.

Foi só depois que a barbárie dos campos de extermínio se tornou conhecida do grande público que as teorias da conspiração passaram a ser rejeitadas pela academia, pelos governos e também pelos grandes meios de comunicação no Ocidente. Foi nesse mesmo período que surgiram os primeiros estudos acadêmicos especificamente direcionados a esse assunto, tal como o já mencionado livro de Karl Popper e também a obra organizada por Adorno *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*, de 1949.

As ideias de Adorno e de Popper serviram de base para outras publicações nos anos seguintes, tais como *As fontes da direita radical* de Seymour Lipset (1955) e *O Tormento do Sigilo. O pano de fundo e as consequências da política de segurança americana*, de Edward Shils (1956). Essas obras contribuíram não apenas para popularizar o assunto entre o grande público, como também para desacreditar o discurso terrorista conspiratório do macartismo que, entre o final da década de 1940 até meados da década seguinte, fomentou amplamente o pânico da ameaça comunista nos EUA. Além desses dois livros, vale mencionar também outra publicação importante sobre este assunto, que permaneceu como uma referência básica durante muitas décadas; trata-se do artigo do historiador Richard Hofstadter *The Paranoid Style in American Politics*, publicado em 1964 na revista *Harper's*.

É oportuno destacar, no entanto, que essa perda de credibilidade das teorias conspiratórias a partir dos últimos anos da década de 1950 não significou seu desaparecimento completo. Fora da Europa e da América do norte, elas continuaram a ser divulgadas como se fossem fatos legítimos (BUTTER, 2022, p. 137), enquanto que nas nações ocidentais elas continuaram a circular entre seus adeptos, embora numa escala bastante reduzida, através de livros autofinanciados, periódicos enviados por correspondência ou então encontros direcionados para um público mais restrito.

Essa situação se prolongou até os primeiros anos do século XXI, quando ocorreu um novo fortalecimento na divulgação de discursos conspiratórios em todo o mundo, motivado primariamente pelas mídias digitais. A popularização da internet e das redes sociais propiciou condições tanto para a divulgação destas teorias através dos mais diversos meios, tais como textos, entrevistas, livros, blogs e vídeos, como também para a criação de comunidades virtuais (fóruns de discussão, comunidades em redes sociais, etc.) onde seus adeptos podem interagir regularmente sem o risco de serem socialmente estigmatizados.

II

Muito embora o advento da internet tenha representado uma verdadeira revolução nas possibilidades de acesso ao conhecimento para uma parcela significativa da população mundial, por outro lado, salta aos olhos a enorme popularidade alcançada por tais discursos conspiratórios no mundo digital. Como se pode entender isso?

O fato dos fóruns online e das redes sociais oportunizarem a conexão entre pessoas que pensam do mesmo modo, somado à segurança e à privacidade proporcionadas pelo anonimato dos perfis e avatares virtuais, acabaram criando verdadeiros espaços protegidos para a discussão e divulgação das mais diversas teorias da conspiração, onde seus adeptos podem se manifestar livremente, recebendo não só aprovação e validação, como também amealhando lucros financeiros, dependendo do caso.

Um exemplo brasileiro que ilustra o *modus operandi* da divulgação de teorias conspiratórias pré- e pós-internet é o caso da editora Revisão, fundada em Porto Alegre em 1985 por Siegfried Ellwanger Castan, a qual publicava livros antissemitas, integralistas e com teorias conspiratórias negando o holocausto nazista. Após várias denúncias, os livros foram apreendidos em 1991, mas a editora continuou a vendê-los, o que fez com que Castan fosse condenado pela justiça brasileira em 1996 e depois preso em 1998. A partir de 1999, a editora começou a vender seus livros pela internet para fugir às proibições da justiça. Mesmo após o falecimento de Castan, ocorrido em 2010, ainda é possível encontrar seus livros disponíveis na internet em sites ou fóruns neonazistas.³

Além disso, em se tratando de conspirações claramente nocivas, que envolvem discursos de ódio e/ou ideias criminosas (como no caso das publicações da Editora Revisão, por exemplo), a facilidade com que os conteúdos digitais podem ser copiados, armazenados, compartilhados e posteriormente reinseridos na internet (seja em novos sites, fóruns e/ou novos perfis de redes sociais) acaba impedindo que esses materiais sejam efetivamente tirados de circulação. Ainda que os sites sejam tirados do ar, que os perfis sejam excluídos de grupos e/ou redes sociais, em pouco tempo novos sites e outros perfis podem ser criados, fazendo com que os mesmos materiais voltem a circular novamente.

3 DINIZ, B. D. "O poder das palavras. Um estudo crítico sobre a Editora Revisão. In: Anais do XXX Seminário Brasileiro de Crítica Literária, p. 8. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/escrita-e-critica-literaria-no-brasil/2017/assets/artigos/8.pdf>. Acessado em 17/08/2023.

Um outro fator adicional que não pode ser negligenciado é o impacto avassalador dos algoritmos das redes sociais e dos motores de busca, os quais, em anos recentes, vêm contribuindo para aumentar a visibilidade das teorias conspiratórias na internet. Esses algoritmos são conjuntos de instruções escritas em linguagem de programação, espécies de protocolos de operações digitais que têm a finalidade de prender a atenção dos usuários durante o máximo de tempo possível, gerando audiência e engajamento na internet e, conseqüentemente, mais lucro para as empresas que controlam as redes sociais e/ou os motores de busca.

Esses algoritmos operam coletando as informações pessoais de cada usuário com vistas a identificar qual o perfil de comportamento e os tópicos de interesse específicos de cada pessoa para deliberadamente manipularem tanto os resultados das pesquisas efetuadas nos motores de busca como também os conteúdos a serem exibidos nas páginas individuais das redes sociais.

Este registro das informações individuais é bastante detalhado e inclui informações como: os dados fornecidos pela própria pessoa em seus perfis pessoais de redes sociais; as palavras digitadas nos motores de busca, quais conteúdos foram efetivamente escolhidos dentre o rol das opções apresentadas, quais postagens suscitaram engajamento (tais como curtidas, compartilhamentos, notificações, preferências, hashtags, etc.), entre muitos outros. A partir dessa grande massa de informações coletadas, outros algoritmos atuam classificando cada usuário segundo seu comportamento e interesses, isto é, identificando quais tipos de anúncios e de conteúdos teriam maior chance de despertar o interesse e prender a atenção daquela pessoa em particular.

Uma vez que um algoritmo identificou que um usuário manifestou interesse por um determinado assunto, ele automaticamente irá fazer com que conteúdos semelhantes sejam exibidos. A lógica por trás desta operação é oferecer sempre “mais do mesmo” para os usuários, sendo que essas ofertas podem ocorrer tanto na forma de sugestões de canais, grupos, conteúdos e perfis de outros usuários semelhantes, como também na oferta de produtos e/ou serviços que se enquadrem nos interesses daquele perfil específico. Com isso, as redes sociais e os motores de busca lucram através da venda de publicidade que é especificamente direcionada para cada potencial consumidor, conforme as classificações criadas pelos algoritmos. Os verdadeiros clientes das redes sociais são as empresas anunciantes. As pessoas são apenas usuários.

A consequência previsível do *modus operandi* das redes sociais e dos motores de busca é a formação daquilo que vem sendo chamado de “câmaras de eco” ou “bolhas-filtro”, ou seja: os algoritmos trabalham deliberadamente para que cada usuário das redes sociais ou motores de busca seja exposto apenas as informações e os conteúdos que confirmem aquilo que ele já se encontra predisposto a acreditar.

Esta tendência destaca-se de forma especial entre os teóricos da conspiração, como o comprovou um grande estudo empírico recente

de uma equipa em redor da matemática Michela del Vicario.⁴ Os que creem em teorias da conspiração tendem a participar e a delimitar-se fortemente em comunidades online fechadas, onde partilham as suas opiniões. (BUTTER, 2022, p. 165)

Essa circulação repetitiva de informações que apenas reforçam uma determinada visão de mundo e excluem todo tipo de discurso em contrário cria um verdadeiro ambiente isolado de “segregação digital”, no qual cada indivíduo fica preso numa bolha particular e só tem contato com outras pessoas que pensam como ele. Não por acaso, este tipo de cerceamento da visão de mundo foi e ainda é amplamente praticado entre grupos fundamentalistas com a finalidade de proteger seus adeptos do contato com heresias, interpretações subversivas e com o mundo exterior profano e secularizado.

Na prática, isso significa que qualquer usuário que demonstrar, no seu comportamento digital, alguma afinidade com questionamentos sobre a versão oficial de uma determinada notícia ou então simplesmente venha a formular, ainda que involuntariamente, uma pergunta que esteja relacionada com alguma teoria conspiratória, provavelmente receberá como resultado algum link, página ou conteúdo relacionado a isso.

Através da internet chegam-nos, portanto, ideias que em tempos antigos receberiam pouca ou nenhuma atenção pública. Na rede inter-náutica, encontram-se muitas vezes lado a lado saberes ortodoxos e heterodoxos, igualmente acessíveis a todos. Já não existe um redator a decidir acerca da abstrusidade de uma opinião para ser publicada. O conhecimento dos peritos perdeu rapidamente em importância; contrariamente, o saber dos leigos ou o conhecimento alternativo, ou seja, de especialistas assim autodenominados ganharam em influência. (BUTTER, 2022, p. 163)

A passagem citada permite depreender outro aspecto de grande importância para nossa investigação: os algoritmos que controlam as mídias sociais e os motores de busca nunca levam em consideração se os conteúdos divulgados são verdadeiros ou falsos; se violam ou não os princípios dos direitos humanos, se ameaçam a democracia, a transparência e outros valores essenciais às sociedades democráticas.

Na busca pelo objetivo maior de prender a atenção e o interesse dos usuários no mundo digital pelo maior tempo possível, os algoritmos não se furtam a estimular a divulgação seja de informações flagrantemente falsas, seja de discursos de ódio ou ainda de negacionismos, quer estejam incluídos em alguma teoria conspiratória ou não.

Para ficarmos com apenas um exemplo bastante conhecido que ilustra muito bem o que foi dito, quando o Facebook, o Google e o Twitter bloquearam os perfis do ex-presidente

4 DEL VICARIO, Michela et. al. *The spreading of misinformation online*. **PNAS**, vol. 113, 2016. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1517441113>. Acessado em 27/09/2023.

dos EUA, Donald Trump, depois da violenta invasão do Capitólio por seus partidários no dia 06 de janeiro de 2021, o que estava em jogo ali nunca foi a proteção da democracia e dos direitos humanos ou então o combate à desinformação, ao negacionismo, ao fanatismo político e aos discursos de ódio nessas redes. A única coisa que esse bloqueio protegeu foram os interesses e a imagem pública das próprias empresas de tecnologia, que certamente temiam sofrer a interferência das autoridades estadunidenses.

Se houvesse algum interesse verdadeiramente humanitário na agenda dessas empresas, seria de se esperar que os perfis que divulgavam ativamente desinformação e negacionismo em relação à COVID-19 também fossem bloqueados durante as fases mais agudas da pandemia, pois é fora de dúvida que essas informações falsas contribuíram para ampliar o número de mortos e infectados em todo o mundo, especialmente no Brasil.⁵ Infelizmente o que se assistiu na época e o que ainda se vê hoje é uma cumplicidade silenciosa dessas empresas com toda espécie de discurso negacionista assassino.

Diante do exposto, pode-se concluir que a atuação dos algoritmos das grandes redes sociais e dos motores de busca que são diariamente acessados por milhões de usuários em todo o mundo não apenas promovem a divulgação de teorias conspiratórias a pessoas que, de outro modo, jamais teriam contato com elas, como também alimentam ainda mais o fanatismo dos adeptos de tais teorias por meio da segregação digital que é deliberadamente promovida pelas bolhas e câmaras de eco.

III

Diante do que foi exposto até aqui, podemos então perguntar: qual seria a contribuição específica que as ideias de Nietzsche oferecem para o problema do engajamento fanático em defesa das teorias da conspiração?

Em se tratando da importância desempenhada por certos tipos de crenças e discursos com a pretensão de salvarem a humanidade do vazio de sentido, do caos e do niilismo, as ideias de Nietzsche inegavelmente assumem uma importância central devido ao riquíssimo arcabouço conceitual que o pensador alemão desenvolve sobre o niilismo e seus desdobramentos.

Considerando-se que a reflexão de Nietzsche em torno do niilismo e da perda de sentido da existência integra o diagnóstico global de uma profunda transformação nos valores e no *ethos* das civilizações ocidentais, juntamente com as suas consequências psicológicas nas massas de homens de rebanho, é certo que ela guarda um potencial bastante fecundo para o desenvolvimento de uma reflexão inédita e original sobre este tema, capaz de lançar novas luzes sobre este problema.

5 ORSI, Carlos; PASTERNAK, Natália. Contra a realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências. Campinas: Papirus, 2021.

A ideia básica enunciada por Nietzsche em GC, 347 é o ponto de partida para nossa proposta de investigação. Nesse aforismo, o pensador argumenta que a intensidade do apego cego, obstinado, e radical a um determinado conjunto de verdades e valores seria diretamente proporcional à fraqueza fisiopsicológica e à ausência de capacidade de autodeterminação dos indivíduos.

Segundo o filósofo, a incapacidade de fazer frente às incertezas, malogros e inseguranças inerentes à existência humana estaria na base do impulso que moveu um imenso volume de crentes em sua época a aderirem de forma acrítica e defenderem de forma fanática e incansável os mais diferentes tipos de discursos, doutrinas e/ou líderes que fossem capazes de oferecer certezas consoladoras, respostas prontas e orientações claras para a vida.

Diante da perda de espaço e de credibilidade das verdades e valores de natureza religiosa ocorrida na segunda metade do século XIX, especialmente entre as parcelas mais letradas da população — que Nietzsche subsume sob o termo “niilismo” e que o sociólogo Max Weber posteriormente viria a tematizar com a expressão “desencantamento do mundo” — a busca por certezas e imperativos determinantes da ação humana passa a ocorrer também entre discursos e perspectivas de mundo não religiosas. O filósofo exemplifica essa situação citando, no mesmo aforismo, o nacionalismo na Europa, o niilismo russo e também o apego à ciência positivista.

O diagnóstico nietzschiano presente neste aforismo, e também complementado em outras passagens de sua obra, aponta para uma compreensão da Europa de sua época como um ambiente no qual essa fraqueza da vontade teria se generalizado numa espécie de epidemia de debilidade fisiopsicológica, cujas consequências seriam a intensificação de variadas espécies de fanatismos.

Como a história do século XX viria posteriormente a confirmar, as previsões do pensador estavam corretas: o conflito brutal entre nacionalismos extremados na primeira e segunda guerras mundiais; a barbárie absurda do nazifascismo e dos expurgos na URSS; a paranoia sustentada por governos e instituições ao longo de décadas na guerra fria e também a ascensão e o fortalecimento dos fundamentalismos nas mais diversas religiões não deixam margem para dúvidas quanto a isso.

À luz deste contexto, do ponto de vista da segurança existencial, as teorias da conspiração guardam um enorme potencial de sedução porque oferecem um sentido e uma intencionalidade aos acontecimentos. Eventos caóticos, acidentais e isolados passam a ser interpretados como ações deliberadamente realizadas no interior de um plano global onde tudo se encontra interligado com vistas à concretização de um objetivo maior que foi arquitetado por um grupo de conspiradores que são simultaneamente poderosos e invisíveis.

Ao mostrarem a existência de padrões ocultos onde normalmente se enxergaria apenas o caos, as teorias da conspiração oferecem não apenas um sentido para a realidade, mas

também um amplo quadro esquemático no interior do qual praticamente todos os futuros acontecimentos podem ser encaixados.

Além disso, ao defenderem a existência de um grupo de conspiradores tanto malignos como poderosos, essas teorias oferecem uma justificativa para o sofrimento e apontam quem seriam os verdadeiros responsáveis pelas mazelas da humanidade, o que alimenta também a esperança de que um dia eles possam vir a ser definitivamente derrotados.

Por fim, é fundamental destacar que os adeptos das teorias da conspiração inevitavelmente experimentam uma valorização individual e coletiva. A crença numa conspiração coloca seus seguidores num outro patamar intelectual e social, separado do restante da humanidade que ainda vive iludida. Os seguidores mais engajados não se enxergam como meras vítimas passivas dos acontecimentos à sua volta, pois sabem do que está acontecendo e dedicam-se a espalhar a verdade aos outros, sendo que isso pode inclusive render benefícios econômicos. Além disso, esse sentimento de superioridade é complementado pelo apoio gregário recebido por parte dos demais adeptos. Uma pessoa carente de apoio emocional e moral no mundo real pode compensar esta deficiência em grupos da internet.

Essa mencionada fraqueza emocional e moral, que no linguajar nietzschiano pode ser referida como fraqueza fisiopsicológica, evoca uma dimensão importante desta autovalorização propiciada pelas teorias conspiratórias. Trata-se do fato de que, em praticamente todas elas, os conspiradores são retratados como “intrinsecamente maus e degenerados” (BUTTER, 2022, p. 91-94) enquanto que aqueles que sabem a verdade são corajosos lutadores que bravamente enfrentam forças ocultas poderosíssimas para salvar a humanidade.

Ao mesmo tempo que as teorias da conspiração demonizam o suposto grupo conspirador, constroem uma imagem positiva do grupo visado pelos conspiradores. Neste sentido, o historiador Dieter Groh falava de uma “função redutora ou aliviadora” do pensamento conspiracionista. Segundo a perspectiva prática de Groh, as teorias conspiratórias oferecem uma explicação para o motivo de sucederem “coisas más a pessoas boas”. Além disso, a ênfase do papel de vítima do grupo não só o torna especial — porque foi ele o escolhido pelos conspiradores —, como é isso que o faz ser bom. (BUTTER, 2022, p. 102)

Essa estrutura moral de autovalorização por meio da negação da alteridade corresponde precisamente à caracterização nietzschiana do surgimento da moral escrava ou moral do ressentimento, o qual se dá a partir da negação dos valores das antigas aristocracias guerreiras, tal como exposto na primeira dissertação da *Genealogia da Moral*.

(...) Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” — e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que

estabelece valores — este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si — é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto — sua ação é no fundo reação. (...)

Imaginemos “o inimigo” tal como o concebe o homem do ressentimento — e precisamente nisso está seu feito, sua criação: ele concebeu “o inimigo mau”, “o mau”, e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um “bom” — ele mesmo!... (GM I, 10)

Quando realizamos uma transposição da caracterização nietzschiana dos sacerdotes ressentidos do passado, que afirmavam a si próprios negando a moral aristocrático-guerreira, para a condição fisiopsicológica e existencial dos atuais propagadores de teorias da conspiração da atualidade, observa-se que a necessidade do inimigo maligno continua existindo sob diferentes roupagens, conforme as diferentes conspirações.

Sejam os extraterrestres reptilianos que controlam secretamente a humanidade; seja a NASA que quer enganar o planeta propagando a mentira sobre o planeta Terra ser uma esfera; sejam os comunistas comandados pelo bilionário George Soros, os Illuminati, os líderes da conspiração judaica internacional; ou ainda os conspiradores que inventaram a mentira da COVID-19, etc. é certo que todos os discursos conspiratórios, sem exceção, necessariamente defendem a existência de um grupo de poder e influência muito superiores ao restante da humanidade, cujos objetivos e valores seriam prejudiciais à maioria das pessoas comuns.

Ora, a correspondência aqui proposta entre as antigas nobrezas guerreiras da *Genealogia da Moral* e as misteriosas elites de conspiradores simultaneamente poderosas e malignas, ameaçadoras e imorais, não é nem um pouco fortuita nem casual. Pelo contrário, acreditamos que a onipresença destas figuras simbólicas dos “grandes vilões” em ambos os discursos corresponde a uma similaridade de necessidades de ordem fisiopsicológica e existencial, de forma que a mesma necessidade que levou os ressentidos à época da primeira transvaloração dos valores a negarem e condenarem a alteridade ainda continua vigente nos dias atuais nas teorias da conspiração racistas, antissemitas, xenófobas, etc.

Essas vantagens fisiopsicológicas, existenciais, econômicas, morais e sociais são fortes estímulos para que grandes levas de indivíduos venham a recusar até mesmo provas concretas e óbvias em contrário. Trata-se de uma reação franca e até irracional, pois a destruição ou a negação dessas narrativas significaria também a destruição de uma parte vital da própria identidade.

As funções importantes que as teorias da conspiração adquirem para a identidade individual e coletiva dos teóricos conspiratórios explica a razão pela qual raramente se deixam convencer por contra-provas conclusivas, reinterpretando-as e transformando-as, frequentemente, até em provas a favor de um complot. Quem duvidar da existência da conspiração coloca, afinal, em causa a autoimagem do teórico

conspiratório, tal como a sua pertença ao grupo. É natural que as pessoas rejeitem e reajam de forma irracional perante a devastação da sua identidade. Por isso, não basta confrontar um teórico da conspiração com os “factos” (BUTTER, 2022, p. 104)

Considerando-se que vivemos todos em meio às consequências do niilismo e da atuação deliberada dos “mecanismos da cultura” tematizados por Nietzsche na segunda dissertação da *Genealogia da moral* — o que se traduz em civilizações profundamente doentes que produzem indivíduos fisiopsicologicamente débeis e carentes de autoafirmação, de segurança, de sentido, de justificativas para o sofrimento e prontamente dispostos a buscarem culpados para assumirem a responsabilidade pelas mazelas que os afligem —, então é de se esperar que a crença em teorias da conspiração continue a prosperar, e que assim como os tais “artigos de fé” mencionados na epígrafe, ainda que sejam refutados mil vezes, continuam verdadeiros aos olhos dos seus defensores.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.
- BARKUN, M. *A Culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 2013.
- BUTTER, M. *A natureza das teorias da conspiração*. Porto Salvo: Desassossego, 2022.
- D'ANCONA, M. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. São Paulo: Faro Editorial, 2018.
- DINIZ, B. D. “O poder das palavras. Um estudo crítico sobre a Editora Revisão”. In: *Anais do XXX Seminário Brasileiro de Crítica Literária*, p. 8. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/es-crita-e-critica-literaria-no-brasil/2017/assets/artigos/8.pdf>. Acessado em 17/08/2023.
- GROH, D. “The Temptation of Conspiracy Theory, or: Why Do Bad Things Happen to Good People?” In: GRAUMANN, C., MOSCOVICI, S. (Orgs.) *Changing Conceptions of Conspiracy*. New York: Springer, 1987, p. 1-38.
- HOFSTADTER, R. “The Paranoid Style in American Politics”. In: *The Paranoid Style in American Politics and Other Essays*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- ORSI, C.; PASTERNAK, N. *Contra a realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências*. Campinas: Papirus, 2021.
- PAGÁN, V E. *Conspiracy Theory in Latin Literature*. Austin: University of Texas Press, 2012.
- POPPER, K. *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos*. Segundo volume: Hegel e Marx. Lisboa: Edições 70, 2013.
- ROISMAN, J. *The Rhetoric of Conspiracy in Ancient Athens*. Berkeley: University of California press, 2006.